

A BATALHA

TERÇA FEIRA, 30 DE MARÇO DE 1921

ANGOLA E METRÓPOLE—BANCO DE PORTUGAL

Através de tôdas as pressões e ameaças, "A Batalha" prosseguirá na sua campanha

A desorientação do juiz investigador é um reflexo da desorientação dos homens do Banco de Portugal que estão apavorados com as revelações que temos feito. Tudo quanto A BATALHA tem revelado vai tendo plena confirmação. As manobras italianas que desvendámos em 24 de Janeiro acabam de ser confirmadas pelo jornal fascista "Empero".

«A Batalha» mantém-se firme

Temos dito que este caso do Angola e Metrópole é tão complicado e mergulha suas raízes numa rede tão emaranhada de interesses que muito haverá ainda para dizer, por muito que isso pese a certas criaturas que têm querido influir na orientação de A Batalha julgando que ela pode esquecer a sua missão de jornal do povo, de órgão do proletariado.

Só quem, como nós, vem lutando sem um desfalecimento pelo triunfo da Verdade, pode sentir o cerco que discretamente os interesses mais antagónicos vem fazendo à Batalha. Como a nossa atitude é firmemente pautada pelo interesse público, descobrimos todas as manobras e revelando a verdade, quer ela prejudique o Banco de Portugal e o Angola e Metrópole, quer o Banco Ultramarino e o Alfredo da Silva, ela tem causado apreensões tanto aos ladrões que a grande imprensa defende, como mesmo a alguns dos presos, que no meio deste lodacal pretendem agitar-se apenas. Têm-se movido grandes influências para nos calar, têm-se movido grandes influências para nos fazer falar. Uma vez convém os silêncios, outras convêm as palavras. Mas A Batalha é indiferente às armadilhas, às manobras — segue o seu caminho, de acordo com a sua consciência, e nada mais.

O juiz Alves Ferreira também fez uma tentativa. Quando intimou o nosso director a fazer declarações, julgava uma coisa e saiu-lhe outra. Quis que o director da Batalha accedesse a ir falar-lhe em particular, e o nosso director não foi. Que desejaria dizer-lhe em particular o conselheiro Alves Ferreira?

Junto de amigos nossos têm-se feitepidos hábeis que esses nossos amigos, que nos conhecem bem, têm repellido com energia. E' o cerco, o verdadeiro cerco. Hoje estão esgotados todos os recursos. Nem o suborno, nem a ameaça nos demovem. A campanha da Batalha não convém a certos presos, nem ao Banco de Portugal, nem a ninguém cujos actos não sejam pautados pela correcção e pelo desinteresse. Ainda havemos de ver os homens do Banco de Portugal de braço dado com certos políticos corruptos e tenebrosos que neste momento se encontram a ferros. Isso não nos assustará. A campanha da Batalha prosseguirá no mesmo rumo, porque está fora desses interesses mesquinhos.

Preparam os mais venais políticos e os mais repugnantes financeiros, uma revolução para agitar as cousas em harmonia com as manobras e interesses de certos presos, que por muito estranho paradoxo estão prestes a cair fraternalmente nos braços de alguns homens do Século, do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino? Pouco nos importam essas manobras tenebrosas, pouco nos importam. Ficaremos sempre no nosso posto, atacando a questão de frente, desvendando a verdade.

Deixemo-los manobrar. Deixemo-los. O que fôr soará.

As ladrocinhas do Banco de Portugal

A campanha da Batalha tem levado o pânico ao seio dos investigadores. A verdade não lhes convém. Alves Ferreira anda desorientado. As nossas considerações muito claras, muito convincentes e lógicas, atrapalharam-no bastante. E a sua desorientação, afinal, não é mais do que o reflexo da desorientação que lava no Banco de Portugal. Nós colocámos este estabelecimento de desordem perante a opinião pública. O caso dos cheques de compensação é um escândalo que ainda lá de dar que fazer. Por intermédio desse engenhoso processo, que o tesoureiro Lupi fez, com bastantes lucros pessoais, em acção, distribuíram-se milhares de contos a casas bancárias arruinadas. Mas a indústria que atravessam uma quadra aflitiva, e todas as iniciativas úteis que poderiam contribuir para o desenvolvimento económico do país, evitando a crise de trabalho que nos assoberba e que mantem no meio da maior miséria milhares de operários, essas obras sempre mereceram ao Banco de Portugal o maior desprezo.

E o resultado é o que se está vendo. Tudo quanto constitui fomento económico asfixia sob o peso da falta de auxílio financeiro. O Banco de Portugal está farto de fazer emissões secretas de notas, mas dessas emissões não aproveita o país nem um centavo. Antes se afunda mais. Quem aproveita com essas emissões são os Inocências e seus apaniguados.

E como A Batalha revela todos estes poderes, chamando a atenção do povo para o estado lastimável em que se encontra a economia do país, devido à ambição insaciável dos Ruis, dos Inocências, dos Lupis, de todos estes lobos que se ocultam na caverna tenebrosa do Banco de Portugal, aterrorizados, os lobos querem arremeter. Mas nós não nos tememos. Quanto mais desorientados os virmos mais cruéis, mais brutais hão de ser as nossas revelações.

Que manobrem os Lupis, que manobrem os Ruis, que A Batalha não se calará. Eles estão atrapalhados porque nós puzemos a descoberto a manobrinha do tesoureiro Lupi, que ainda lá está no Banco, com a impunidade acobertada pela falta de moral do governo do Banco tão venal como ele, tão corrupto como ele, com as emissões secretas de notas que têm sido para aqueles cavalheiros a fortuna, mas que o país paga com a sua ruína e a sua miséria.

Estamos convencidos de que ainda terão a paga condigna de actos de tanta benevolência...

São estas verdades que eles não querem que se digam, daí a sua manobra surda, contra nós, que sentimos pesar no ambiente, mas da qual nos defendemos com energia, sem medo, porque nunca o tivemos, prontos a tudo, excepto a torcer a verdade, ou a occultar o que por dever moral devemos dizer alto e em bom som.

Confirmam-se as revelações de "A Batalha"

Todos os dias se confirmam directa ou indirectamente as revelações de A Batalha. Mesmo que Alves Ferreira resolva não falar mais aos jornalistas. Denunciámos no nosso número de 24 de Janeiro do corrente ano as manobras italianas, de acordo com alguns portugueses, entre eles o Pereira da Rosa, de O Seculo, em torno das colonias portuguesas, nomeadamente Angola.

Ainda ontem A Tarde publicava o programa do jornal Empero acerca de um futuro império colonial italiano.

Eis o tal programa:
1.º Por na ordem do dia da nação os problemas da colonização e mobilizar os espíritos em torno desses problemas;
2.º Estabelecer as relações que existem ou devem existir entre a colonização e a emigração;

3.º Chamar a atenção do capital italiano para as possibilidades coloniais;
4.º Estudar o problema colonial sob o ponto de vista das matérias primas, para libertar a Itália dos subsídios estrangeiros;

5.º Demonstrar ao povo italiano que a prosperidade económica está na dependência estreita da possessão dum vasto, rico e poderoso império colonial;

6.º Recordar o espírito aventureiro dos grandes navegadores, cultivadores e soldados para a missão que desde séculos nos foi traçada, a saber: sulcar todos os mares com os nossos produtos, os nossos exércitos e a nossa invencível ousadia;

7.º Derramar através dos continentes atrasados a luz da nossa civilização mediterrânica e impô-la com aquela energia romana que, levando as suas leis e a sua superioridade civil, justificava a sua dominação;

8.º Procurar novos recursos de vida e de riqueza para a pátria e levar o nome e a bandeira de Roma o mais longe possível, vitoriosamente.

Consultem o Século sobre estas manobras. Perguntem a Alfredo da Silva que interesses tem ele ligados aos interesses italianos. Interroguem ainda alguns políticos bem cotados sobre que têm eles ido fazer à sede da Società Commercial Italiana de Emigrazione, de Paris. Perguntem-se ainda ao Século qual era a razão fundamental da sua campanha contra o Angola e Metrópole, que financiando Angola deixava por terra o projecto de absorção dos italianos. E se eles quiserem responder, teremos explicada a atitude do Empero.

A esses pseudo-patriotas que vendem a sua terra, que negociam populações como se fossem carneiros, que nos roubam aqui na metrópole, é que não convém a campanha da Batalha.

Mas quer queiram, quer não — hão de suportá-la.

A igreja e a questão social

Os bispos estão envidando grandes esforços para criar, em Portugal, sindicatos católicos de operários e patrões

O sr. Manuel Luís Coelho da Silva, arcebispo de Coimbra «por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica» — duas mercês diferentes ou uma só verdadeira? — escreveu há tempos uma pastoral sobre a Igreja e a questão operária que os padres leram aos fieis e que foi agora publicada em folheto. Essa pastoral trata claramente, para os que conhecem as velhas e rellhas habilidades diplomáticas da Igreja, o desejo de salvar os patrões da resistência cada vez mais obstinada e consciente que os operários opõem à sua exploração. Lida pelos que conhecem o catolicismo superficialmente, através das feias imagens dos seus santos e das vestes ridículas e femininas dos seus prelados, a pastoral parece uma lágrima sentimental vertida sobre as misérias do proletariado e um protesto manso, manso como o vago e iluminado anarquismo de Jesus, contra a excessiva dureza e a excessiva crueldade dos patrões.

A pastoral que não atesta faculdades mentais invulgaes no sr. bispo Coelho começa por reconhecer que a questão social, a questão operária, é a mais formidável questão da hora presente e analisa a revolta do operário perante a sua crescente miséria e a rápida acumulação de fortunas na grande indústria. Esta critica marca o espírito aparentemente transigente da Igreja, aceitando como verdadeiras as afirmações feitas por todos os revolucionários que se baseiam em factos incontrovertíveis. Lendo-a, sentimo-nos revoltados com o cinismo da Igreja que se põs ao serviço da burguesia como ontem esteve ao da aristocracia, conquistando o apoio dos poderosos e servindo-os para se tornar junto deles imprescindível e dominadora.

Mais adiante a pastoral abre fogo vivo, hostil em descargas cerradas contra as ideias de emancipação social, pintando-as com as cores mais negras e afirmando que elas lançam as multidões «no inferno da dúvida», e tornam os seus corações «o inferno do ódio» e a sua alma «o inferno do desespero». E, nesta dialéctica de infernal mentira, vai a pastoral discorrendo sobre a salvação da sociedade proclamando que o bem estar para todos é impossível, sob pena de «a pátria se subverter através da ruína dos indivíduos». A Igreja (a pastoral reflecte as opiniões da política do Vaticano expressas, pela primeira vez, há 40 ou 50 anos pelo avarento, sórdido e político arguto que foi Leão XIII) considera um cataclismo espantoso, uma espécie de fim do mundo a desparição das classes como consequência in-

evitável da queda do podre e iníquo mundo burguês, como outrora considerou uma catástrofe semelhante, nas suas imensas proporções e na sua imensa desgraça, a queda do feudalismo. E' que cada transformação social significa para a Igreja uma diminuição de predomínio e força-a a uma obra de captação e de adaptação a um novo sistema político e económico que a faz perder tempo e lhe esgota as energias que emprega para se manter e que ela quereria somente aplicar na conquista do poder temporal.

A Igreja está ligada a todos os crimes, a todas as violências, a todas as infâmias do passado. Sancionou sempre todas as corrupções e iniquidades dos poderosos e foi ela mesma corrupta e iníqua. Teve escarvos, cometeu expoliações e provocou guerras atrozes, uma das quais até ocasionou o saque de Roma, isto não falando em factos muito anteriores, não falando mesmo na destruição da riquíssima biblioteca de Alexandria que deve ser considerada como um dos seus maiores crimes perpetrados contra a inteligência e o saber humano. Perseguiu os escravos, explorou-os em nome do cristianismo, do cristianismo das catacumbas, a primitiva religião dos escravos. E é ela, que promoveu guerras, que defendeu hediondas carnificinas, quem vem querer pôr termo ao antagonismo das classes, a fim de evitar que o mundo se dilacere em choques homicidas; é ela que enviou os seus padres para os fronts da conflagração mundial, incitando, com a imagem do Cristo à frente, os povos «cristãos» a trucidarem-se. E a Igreja serviu a guerra, defendendo os interesses capitalistas a quem ela servia, a pesar de pregar como um princípio básico: «ama o próximo como a ti mesmo». Esse princípio que agora aplicá-lo para servir os patrões, destruindo no operariado a sua consciência colectiva e o seu espírito sindicalista revolucionário. Torceu-o para auxiliar a guerra, torceu-o novamente para auxiliar os capitalistas a reduzir o operariado à servidão antiga.

E, como se tivesse nas mãos toda a justiça, toda a verdade, toda a razão, repete categoricamente esta afirmação tão do agrado da União dos Interesses Económicos: «Finalmente a todas essas ideias subversivas que sopram entre as diferentes classes da sociedade um espírito de inveja e ódio inimigo de toda a hierarquia, opõe o cristianismo e recorda a grande lei da Providência segundo a qual deve haver sempre ricos e pobres, grandes e pequenos, trata-

lhadores do espírito e trabalhadores manuais, desigualdade necessária para estabelecer entre os homens relações de justiça e de subordinação sem as quais a sociedade seria impossível.»

Que pretende a pastoral do arcebispo de Coimbra, pastoral que sintetiza uma das maiores aspirações da Igreja na hora presente? A fraternização do rico e do pobre, do patrão e do operário, da vítima e do carrasco. E de acordo com essa aspiração o bispo Coelho fundou em Coimbra uma «União Operária» destinada a substituir os sindicatos operários. Essa «União Operária» tem por objectivo o «melhoramento dos operários e dos filhos dos operários». Dela podem fazer parte também «os ricos, os patrões e os capitalistas».

Isto significa que a Igreja em Portugal está procurando destruir o movimento operário. Urge, pois, sem demora, replicar-lhe com energia, tratando-a como ela deve ser tratada: como inimiga. Se não lutarmos contra ela, dentro em breve a tradicional aliada de todos os exploradores far-nos-há atravessar horas bem amargas e negras.

Contra o fascismo

Na Associação dos Corticeiros de Lisboa

Na Associação dos Corticeiros de Lisboa, rua de Marvila, realiza-se hoje, às 19 horas, mais uma jornada de propaganda anti fascista.

Farão uso da palavra delegados da comissão de agitação da C. S. T. e de vários organismos operários, expressamente convidados para esse fim.

Todos os trabalhadores devem comparecer a esta sessão a fim de afirmarem os seus protestos contra a tentativa de fascismo em Portugal.

Tumultos em Paris

PARIS, 29.—Durante os tumultos que se deram ontem à noite, depois das eleições, a polícia viu-se obrigada a carregar, tendo ficado gravemente ferido um manifestante nacionalista, que esta manhã faleceu no hospital.

Está sendo exercida, sobre aqueles a quem a miséria força a emigrar uma exploração criminosa

O dr. sr. Filipe Mendes numa entrevista que ultimamente deu ao Diário de Lisboa falou sobre o grave problema da emigração para o Brasil, Argentina e America do Norte, apontando as deficiências da lei que regula este assunto, a falta de assistência ao emigrante, o pouco escriptulo dos agentes de passaportes e em que concluiu por afirmar que urge reformar, de um traço e de cima a baixo, a respectiva legislação adoptando-se o figurino italiano, etc.

Tem carraças de razão o commissário da emigração. Simplesmente se esqueceu de mencionar os véxames a que estão sujeitos os pobres emigrantes por parte das autoridades consulares estrangeiras que, para visarem os competentes passaportes não só lhes exigem avultadas quantias pelo visto — 4620 para o Brasil, 6300 para a Argentina e dez dólares para a America do Norte — mas também a apresentação de complicados documentos, tais como certificado do registro criminal, atestado de boa conduta social, atestado medico, cédula pessoal, todos em papel selado e reconhecidos na provincia e em Lisboa.

Mas há mais. Ultimamente o consulado argentino, que exige todos aqueles dispendiosos documentos em duplicado, fez substituir os atestados medicos, que eram passados na provincia, por um exame medico feito em Lisboa pelo dr. Cassiano Neves, que recebe de cada emigrante 25000, acrescidos da despesa com papel selado, selos e reconhecimentos para os atestados. Que diz a isto o sr. commissário da emigração?

Que faz o governo por intermédio do ministro dos Estrangeiros para defender o pobre emigrante com estas extorsões que afectam a economia nacional? Um visto de passaporte para a Argentina com a documentação custa 112500!

Um visto para o Brasil com a documentação, 70835! Repare-se que se emigrarem anualmente para a Argentina dez mil portugueses, os vistos nos passaportes impo-tarão em mil cento e vinte contos!!

O felizizardo que faz os exames medicos em Lisboa receberá duzentos e cincoenta contos!!

Mas, como para o Brasil emigram anualmente mais de 15000 portugueses, os vistos importarão em mais de mil contos, incluindo a documentação.

Partindo do principio logico de que o português só emigra quando lhe faltam os recursos ou se encontra empenhado, como é que se pode consentir este estado de coisas?

O ultimo decreto n.º 11494 publicado no «Diário do Governo» de 10 do corrente mês pela pasta da guerra é simplesmente vexatório.

Pois com que direito se exige ao pobre e falido emigrante que está sujeito ás rigidas leis militares até aos 45 anos, o pagamento de uma taxa de licença para emigrar que varia, segundo a idade de cada um, entre 500 a 50 escudos, além das cauções e taxas militares antecipadas a depositar e a que já eram obrigados antes da publicação deste decreto? Ao passo que os ricos e endinhei-

A Guiné contorce-se nas garras do Ultramarino e dos agiotas

A Guiné está a atravessar uma formidável crise económica, cujas consequências ninguém pode antever. «Os nossos distintos coloniais», como soem chamar-lhes os «grandes» rotativos, aqueles que mesmo sem terem passado por terras de Africa não fazem senão arrogar-se os conhecimentos de como decorre e deveria ser feita a administração das ricas possessões de Portugal, vão ter agora ocasião de barafustar contra o actual governo da Guiné, como há pouco fizeram e até serão capazes de atribuir a crise que a provincia atravessa aqúelle decantado diploma sobre cambiais... A verdade, porém, é que toda a responsabilidade pesa sobre as grandes casas de comércio e principalmente sobre o Banco Nacional Ultramarino.

Não sejam tomadas as nossas palavras como de defesa do actual governador. Que não são. Nem lhe precisa que o defendam, porque tem sabido sempre fazê-lo, nem nós acceitamos o «frete». Por uma questão de principios, e até por dignidade pessoal. A verdade exige, porém, que não se falseiem os factos e não seremos nós, por adversários de toda a casta de governos, quem vai deixar de dizer o que a razão aconselha.

As causas da actual crise são, porém, várias, e não é aqui, em espaço tão limitado, que poderemos tratar o assunto com o desenvolvimento que a sua magnitude requer. Mas fá-lo-hemos oportunamente.

Temos conversado do caso com figuras representativas do comércio e do governo, possuindo elementos que nos habilitam a declarar que não está simplesmente na diferença entre a importação e a exportação, como alguém pretende, a causa principal do mau bocado que a provincia atravessa.

O que é preciso é acabar com o monopólio que se exerce aqui, em grande escala, nas transacções comerciais, tirando a certos magnatas as possibilidades que têm de transferir e desvalorizar, como entendem, o dinheiro da Guiné.

O meio de transferência deve ser um só — igual para todos e para todos ilimitado. Logo, o que o governo tem a fazer é pôr termo aos abusos que se cometem, começando por obrigar o Ultramarino a tomar novo rumo.

Pessoas que aqui residem há longos anos, disseram-nos que nunca a provincia se viu a braços com tão grande falta de dinheiro. A tão alto atingiu a escassez de numerário que o funcionalismo chegou a estar dois e três meses sem receber os seus vencimentos.

Até a direcção das oficinas navais deixou de pagar ao pessoal que ali trabalha não se arranjando sequer dinheiro para os contratados.

Os deportados, que recebem, como os militares indígenas, de 5 em 5 dias a devida «ração» em dinheiro, estiveram três semanas com apenas 15000 cada um!

Tal tem sido a falta de numerário!

O que vale é que a borrasca parece ter passado. De todas as circunscricões começou já a chegar o produto da cobrança do

radados não pagam ao Estado o que deveriam pagar se houvesse uma equitativa distribuição de impostos, exigem-se a pobres e a ricos emigrantes, que se sacrificam a sair do país em demanda de recursos para a mulher e filhos, o pagamento de avultadas taxas pela concessão de licenças militares.

«impósto de palhota», que deve atingir este ano perto de 7.000.000\$00 (sete milhões de escudos), estando a Recebedoria de Fazenda e a Caixa do Tesouro a efectuar o pagamento dos vencimentos em atraso.

O governo desafogou-se há assim e, de esperar, envidará os seus esforços para poupar à provincia, vale dizer, aos que aqui trabalham para se manter, novos sérios embargos — essas mil dificuldades que todos acabam de passar.

Todos, não é bem assim.

Há aqui quem lucre com a miséria alheia: dois agiotas, dois prestamistas sem escrúpulos, conhecidos de toda a gente pelas maneiras sovinas do seu viver e pelas suas infames usurpações que perpetram, negociando a seu talante os vencimentos dos pobres funcionários seus devedores. Constituem a firma Falcão & Costa, os dois famigerados negociantes, os exploradores sem igual.

Já tiveram noticia da prisão da temível Juliana — a mulher «bijago» que em Canhabaque dirigia a guerra da sua tribu contra as forças legais?

Pois foi presa (?) essa heroína!

Já lá vão dois meses.

Mas a-pegar-disso a guerra tem prosseguido, e disse a alguém o tenente Alhandra, vindo daquela ilha há pouco, tende a recrudescer.

O indigena está no seu papel, repellido o branco que, sob a falsa alegação de querer civilisá-lo, ousa entrar nos seus domínios para lhe impor como bom um regime de arbitrio, de dominação e exploração do forte sobre o fraco. E o branco, na sua ansia incoñtável de dominar o preto, em vez de se entregar à cultura das terras que já possui, vai cobrando impostos e gastando-os em horrosos metralha que adquire e faz que os seus canhões vomite, desejoso de exterminar essa raça de homens que tão alta concepção têm da liberdade...

Guiné—Março, 1926.

Maurício de VILHENA

A magistratura francesa faz tática sindicalista...

TOULOUSE, 22.—Os magistrados da jurisdição de Toulouse, reunidos em número elevadíssimo, constituíram um comité de defesa da magistratura provincial, dirigido pelo presidente do tribunal. Esse comité emitiu votos pela melhoria de tratamento dos magistrados da provincia em equiparação com os seus camaradas de Paris; promoção de todos os magistrados da provincia até ao grau de conselheiro no tribunal de apelação; pela retribuição proporcional ao tratamento, isto é, retribuição por cargos profissionais analoga a outras classes da magistratura.—H.

Deus e o Diabo protestam juntos...

BREST, 22.—O sindicato cristão chamado profissional e o sindicato comunista unitário promoveram uma reunião de grande número de operários do arsenal, a fim de protestar contra a carestia da vida e reclamar aumento de salário. Após uma reunião, atravessou as ruas uma manifestação, tendo o prefeito recebido uma comissão do sindicato profissional e não havendo incidente.—H.

'A Batalha' na provincia e arredores

Torres Novas
O torvo ódio dos reaccionários

TORRES NOVAS, 22. — Como é do conhecimento de todos os nossos leitores Torres Novas é um feudo jesuítico e conservador.

Acaba de dar-se nesta terra mais um caso que atesta exuberantemente o ódio que os reaccionários alimentam contra todos aqueles — a pesar de poucos — que não leem pela sua sclerada cartilha.

Desde a vigência do ministério a que presidiu José Domingues dos Santos, que é delegado do governo nesta localidade o sr. Gabriel Medina Camacho, o qual valha a verdade, tem dado algumas provas de ser uma criatura desmpeirada em matéria religiosa e de tendências esquerdistas, e do qual até à data não temos de que nos queixar.

O sr. Camacho é criatura com quem temos convivido apenas muito de longe e por isso não nos ligam grandes amizades pessoais; e como político merece-nos a mesma consideração que qualquer outro.

Não temos nenhuma procuração do sr. Camacho para que o defendamos, visto que de tal não necessita nem tal acertarmos, mas porque o caso é digno de nota por virmos até onde chega o ódio jesuítico, hamos por bem narrá-lo, embora que sucintamente.

Eis o caso:
Os reaccionários locais — os doutorados menos Azevedos predominam em todas as instituições administrativas e de beneficência locais excepto na administração do concelho — lugar que é exercido pelo sr. Camacho.

Como o delegado do governo tenha feito uma política que desagrada sobremaneira aos reaccionários, estes incompatibilizaram-se com ele, tirando na sombra para o liquidar e aproveitando para tal todos os pretextos, ainda os mais futeis.

A quando das eleições appareceu em Torres Novas um jornal rotulado de republicano de que era director o sr. Camacho.

Como era de esperar, este assentou as suas baterias contra o beato dr. Joaquim Azevedo, presidente da Câmara Municipal que é nesta terra um autentico régulo, um execrando soba, e lá porquê viessem publicadas umas tantas coucas — se calhar verdades amargas — que ao doutor desagradaram, vá de processar o dito sr. Camacho.

Ora nós sabemos que o que levou o dr. Azevedo a processar o sr. Camacho não foram os tais artigos, mas sim a vontade que eles têm em o sacudir da administração do concelho para fora, para também ali predominarem e exercerem a sua pernicioso influencia.

O que é mais revoltante e indigno, a ser verdade, é a acção infima e apaixonada, exercida pelo juiz desta comarca que, ao que consta, mancomunado com os reaccionários, tem mantido uma attitude pouco digna e nada imparcial.

Santarém
Uma «parição» que não é miraculosa...

SANTARÉM, 25. — Não se espante o leitor. Trata-se dum caso que não é tão suggestivo como deixa antever o título que encimava estas linhas. É personagem desta nossa espiritual ironia uma linda senhora, esbelta, figura esculptural e de apresentação magestosa. Não é só a beleza excessiva da nossa protagonista que nos emocionou e levou a traçar estas linhas inoffensivas. É que alguém — do segredo dos deuses — nos diz: «ser aquela senhora agente de ligação entre os reaccionários — seita religiosa e jesuítica — que a Batalha vem fescalpelizando de desassombadamente».

Nós meditamos e reflectindo admitimos que essa senhora fosse escolhida pela sua beleza extraordinária e apresentação luxuosa, para encobrir facilmente a qualidade misteriosa de agente de ligação entre os reaccionários. É o nosso confidente conta-nos assim a missão secreta dessa senhora duvidosa.

Em vários dias da semana parte do Rossio no rápido da manhã. Chegada à estação desta cidade retém-se ali, aguardando um emissário-reaccionário, com quem permuta correspondência, etc. Finda a entrevista volta a Lisboa no rápido das 13 horas, para retornar no rápido das 18,10. Repetida esta missão de agente diabólico, regressa a Lisboa, finalmente, no rápido das 22 horas.

Será uma conspiração por amor de Deus...
Um tenente provocador e ultra-reaccionário

As passo que se mantem presos iniquamente e deportados criminosamente indivíduos de espirito livre e desempeirado, que por vezes sacrificaram sua liberdade e arriscaram a vida em defesa desta pseudo republica, prometem-se procições nas ruas, auxilia-se com subsídios do Estado as congregações religiosas, protege-se a igreja e incita-se os fanáticos a propaganda jesuítica.

A acção monárquica faz-se sentir aberta e provocadoramente. Ainda há dias, surgiu no Café Nacional desta cidade um indivíduo que diz chamar-se António da Silva Monteiro, fardado de tenente-picador, — embora sobrando uma pasta, como agente duma companhia de seguros — que depois de chamar à tela da discussão politica tudo e todos, se declarou, grotescamente, um reaccionário convicto, e autoritariamente berrando o seu não receio de que o denunciasssem ao ministro da guerra. Por fim, este insolente talassão acaba por desafiá-lo para o pugilato os interlocutores. São a muito custo se evitou uma desordem, em que certamente seria bem zurrido o provocador. — C.

Coimbra
Sua magestade a batota!

COIMBRA, 26. — Sobre o jogo nesta cidade, muito temos dito nas colunas deste orna.

Não obstante tudo isto, e não obstante a repressão do jogo aconselhada pelo sr. António Marang da Silva, no Parlamento, o sr. Comissário da Polícia lusa-ateniense — talvez pela sua muita admiração pelo seu Zé Domingues — teima em não acatar as ordens do chefe da bonzaria.

Em Coimbra, sua magestade a batota impera livremente, impunemente prossequindo no assalto às carteiras dos incautos.

Alguem que, há dias, indagou dum elemento da ronda policial, no domínio de cujas atribuições entra a vigilância às casas sobre que recaem suspeitas de alforja de batota, o motivo por que a policia consentia que meia dúzia de indivíduos vissem vigilaristicamente, parastatisticamente, à custa de muitos ingenuos e viciosos — alguém que tal perguntou recebeu esta resposta:

— Que quere? Nós não podemos proce-

Os advogados catalães revoltam-se contra a hogaalidade dos ditadores

CERBERE, 27. — Os passageiros vindos de Barcelona referem um novo incidente politico que agitou toda a Catalunha. O comité organizador do Colégio dos Advogados foi destituido pelo governo sob o pretexto de os seus membros pertencerem ao partido catalanista e empregarem o idioma catalão em todos os seus documentos.

O governo nomeou, para succeder ao comité dissolvido, uma comissão formada por advogados muito conhecidos pelas suas afirmações de lealdade à Espanha. O sr. Alberto Bernis recusou-se às funções de vice-decano, estando a ser por isso processado nos tribunais, por o governo haver determinado como obrigatório o exercicio das funções atribuidas.

Os membros do antigo comité foram intimados pelo presidente do tribunal da Relação e, na presença do governador civil, general Milan del Bosch, foi-lhes exigida uma retractação assinada das suas opiniões catalanistas. Todos se recusaram, e então foram presos. Entre os advogados assim atingidos encontram-se o decano Raimundo de Abadal, antigo parlamentar, e o antigo administrador Alberto Bastardo, assim como numerosos antigos vereadores. — H

Campanha anti-fascista

União dos Sindicatos Operários da Setúbal

Comunica-nos este organismo que, por motivos imprevistos, resolveu adiar a sessão anti-fascista, que devia realizar-se hoje, para um dia desta semana oportunamente anunciado.

OS QUE MORREM

José de Almeida Júnior

Na pretérita sexta-feira faleceu no hospital de São José o operário serralleiro José de Almeida Júnior, irmão de Joaquim de Almeida. O seu funeral realizou-se hoje, às 14 horas, saindo da casa mortuária do hospital de São José para o cemitério da Ajuda.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encarrega-se de depósitos na Caixa Geral, cobrança de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de advocacia e procuradoria na Rua do Carmo, n.º 43, 3.º, frente

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Mediana» são hoje expedidas malas-postais para Dakar, Bissau, Bolama, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências às 7 horas da manhã.

Também por via Marselha são expedidas hoje e amanhã malas de correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando a última tiragem às 11,30.

TIVOLI

Peregrinação portuguesa a Lourdes e Roma no Ano Santo

Documentário interessantissimo em cinco partes

JOANA D'ARC

Superfilm histórico em oito partes

Encenação de CECIL MILLE com GERALDINE FARRAR e WALLACE REED

Admirável realização da vida da donzela de Orleans e um dos mais curiosos esforços da cinematografia americana em «films» de grande espectáculo

UMA CINE-FARÇA

Amor de pessoas abastadas

BRUXELAS, 22. — Em seguida a uma reunião da comissão nacional mista de minas, na qual não fóra possível um acordo para novos salários, os delegados patronais apresentaram a sua demissão. — H.

A guerra de Marrocos

RABAT, 29. — Têm sido assinalados vários movimentos das tropas rifenhas na proximidade da zona internacional de Tanger.

O mau tempo continua em toda a linha de batalha do norte.

der contra os batoteiros, sem para tal receberem ordens do sr. Comissário!

Daque se infere que o sr. Comissário se não preocupa com tais ninharias, permitindo que alguns souteneurs, sem calças nas mãos, continuem sugando os ordenados irracionais de muitos empregados publicos, caixeiros, militares, etc., que às suas «raioeiras» conseguem atrair.

Em conclusão: as autoridades locais, com a complacência com que assistem a esta bandalheira, vão-se-nos tornando suspeitas e foram-nos a raciocinar: — Quem sabe? Terão elas interesses ligados à manutenção da jogatina?

De fonte limpa fomos informados de que um grupo de cidadãos de cá da terra vai depor, pessoalmente, nas mãos do sr. Comissário, um energico protesto contra a batota que campeia, infrene, neste burgo.

A fonte autorizada iremos colher, por estes dias, informes positivos sobre os nomes das individualidades que são empregarias da batota coimbrã.

Aqui os escarpachamos todos para que os leitores fiquem suficientemente elucidados sobre a moral, a dignidade, de certos lobos manhosos e vorazes, que usam ocultar a sua hediondez sob a pele de inofensivas ovelhas. — C.

Diversas

Os alunos do Instituto Industrial e Commercial de Coimbra acabam de constituir a sua associação de classe, que tem por fins fazer valer os direitos dos alunos deste Instituto junto dos poderes constituídos.

Os seus corpos gerentes deram conhecimento oficial da constituição desta agremiação ao director do instituto dr. José António Cid de Oliveira, que lhe teve os maiores elogios pela sua iniciativa e prometeu todo o seu apoio.

Instituto Policlínico da Estefânia

Largo de D. Estefânia, 6, 1.º — Telef. N. 3435

Medicina geral. — Cirurgia. — Clínica de especialidades

Corpo clínico — Doutores:

A. de Almeida Rocha — Clínica geral — às 14 horas.
António de Carvalho — Sifilis — às 11 h.
Berta de Moraes — Doenças das senhoras — às 13 h.
Carlos Guerra — Clínica medica, doenças de coração e pulmões — às 18 h.
Domingos Dias — Doenças da boca e dentes. Protese — às 10 h.
Fernando Wadington — Rolo X.

Heitor da Fonseca — Clínica medica, doenças do estomago, intestinos e fígado — às 12 h.
J. Pais Laranjeira — Doenças dos rins e vias urinárias — às 11 h.
José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginecologico e massagem medica — às 10 h.
Pedro Roberto Chaves — Análises clinicas.
Teodormo Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — às 16 h.

HOJE HOJE

Protagonista: **No Teatro do Gimnásio**

A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros

Palmira Bastos **Banca à glória**

Em papeis de destaque: **Gil Ferreira** e **H. Albuquerque**

Segunda-feira, 5, festa artistica de **SILVESTRE ALEGRI** com o «vaudeville» **“O AZ”**

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Conservatório

A valiosa oferta dum titular

Compreende-se que o alvoroço feito em volta do concerto de anteontem no Salão do Conservatório fosse grande e que nem um só bilhete ficasse por vender. O fim altruista a que se destinava o produto da sua venda bastaria a fazer acudir àquella sala uma multidão de frequentadores e não frequentadores.

Mas, por muito que queiramos fazer justiça às pessoas que com os seus escudos foram engrassar o fundo da Caixa de Auxílio a Estudantes Pobres, não podemos deixar de afirmar que o que as chamou lá foi a inauguração do órgão que o conde de Castro Guimarães ofereceu generosamente àquelle estabelecimento de ensino.

Obra portuguesa, o elegante instrumento foi construido nas oficinas do fabricante Augusto Claro, de Braga. Para experiência do órgão foi cantada por um numerooso coro feminino a *Stabat Mater*, de Pergolesi, obra genial de musica da igreja e em que os solistas eram da classe de canto superior do professor Artur Trindade.

Foi na verdade correctissima a execução, os coros estavam afinados e as vozes não se ressentiram da tarde tempestuosa que fez até ao crepúsculo, com o qual a chuva terminou, como por encanto.

A execução da *Stabat Mater* agradou sem favor.

Viana da Mota encareceu, com razão, o valor da dádiva e disse que proporia ao ministro da Instrução uma portaria de louvor. Seria preferivel que tal não se fizesse. São já tão numerosos tais documentos, que a melhor maneira de galardão acto tão prestimoso seria a de o não confundir com qualquer praticado por um sargento da G. N. R. que elaborasse a estatística dos cavallos mortos na sua corporação.

Nogueira de BRITO

Concêrto Gui em São Carlos

O grande maestro italiano Vittorio Gui, que nos seus dois ultimos concêrto realizados em São Carlos conquistou um dos maiores triunfos entre nós proporcionados às grandes notabilidades musicais que nos têm visitado, dá o seu terceiro e ultimo concêrto no mesmo teatro no proximo sábado de aleluia, com um programa que está destinado a despertar um enorme movimento de interesse entre os verdadeiros amadores de boa musica. Nesse excepcional programa, organizado com aquele superior critério em que tanto se afirma a alta musicalidade do insigne artista, figuram três obras de compositores célebres, em primeira audição, para Portugal.

Os bilhetes para este concêrto estão já à venda na bilheteira de São Carlos.

Semana Santa no Coliseu

Quinta e sexta-feira santa exhibe-se no Coliseu dos Recreios o grandioso «film» bíblico «A Vida de Cristo», que reproduz os principais episódios da vida de Jesus desde o seu nascimento, à sua paixão e morte.

The great Raymond

O grande ilusionista Raymond que há anos esteve em Portugal com um successo de que ainda hoje toda a gente se recorda, vem fazer entre nós uma nova série de espectáculos, estrelando-se no Coliseu dos Recreios no proximo dia 3, sábado de aleluia.

Festas artisticas

E' principalmente, nas peças declamadas que melhor se pode apreciar o espirito dos seus autores, e nesse caso está a desopilante comédia «O Az», com que o actor Silvestre Alegri realiza a sua festa no Gimnásio, na segunda-feira proxima. «O Az» é uma peça que já obteve um enorme êxito com Alegri e Gil Ferreira, nos papeis que voltam agora a representar, havendo mais o atractivo sensacional de Palmira Bastos interpretar, pela primeira vez, o galante papel de Chouquette, estando confiado a Henrique de Albuquerque, em nova interpretação, o de «Capitão Torcaquilho de Sisterou», e a gentil actriz Antónia Mendes o de «Mad. Dionísia Le Minois».

O camaroteiro do Gimnásio

Continuam sendo procuradissimos os bilhetes para a recita do camaroteiro do Gimnásio, o estimado Pereira Botelho, preenchendo o espectáculo uma peça que não foi ainda representada na actual temporada.

Recêlames

No teatro do Gimnásio realiza-se hoje a última recita da moda, com as despedidas da 1.ª série de representações da hilaritante comédia «Banca à glória!» E' portanto, esta noite, o «rendez-vous» da sociedade elegante do Gimnásio, onde vai passar-se uma noite divertidissima e de permanente gargalhada, com a graça esufante da peça, em que Palmira Bastos, Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque são, simplesmente admiráveis.

— Excede toda a expectativa o êxito que está obtendo no Apolo, o «Mártir do Calvário». As encenantes, ali, repetem-se, sendo frequente o teatro exgotar a locação, e o publico assiste comovido à representação da famosa tragédia que teve o seu epilogo nos campos de Golgotha. Rafael Marques, no papel de «Cristo» obtem um autentico successo.

— Quinta e sexta feira proximas, haverá no Apolo, «matinée» às 14 e meia horas,

com a peça «O Mártir do Calvário», que tem, agora uma vez mais, palpitante actualidade.

A peça da Maria Vitória, o incomparável «Foot-Ball», tem uma alegria que bem pode classificar-se de empolgante. O publico ri, ri sem descanço, permanentemente, durante toda a representação, que tem agora o atractivo de «O Fado da Mistiguette», em que a gentilissima actriz Elisa Guisette é aplaudidissima. O «Foot-Ball» vai sempre à scena, no Maria Vitória, em duas sessões.

— E' hoje que se estreia no Foz a gentil completista Satanela, despedindo-se as encantadoras Hermanas Nerinas que tanto êxito obtiveram. Amanhã estreia-se a actriz Elisa Carreira na 1.ª representação do episódio lendário da vida de Cristo, «Jesus na Samaria», interpretado por Dora Vieira, Elisa Carreira, Holbeche Bastos, Alberto Miranda. Estreia-se também a grande stração «The Ray Sisters», numero destinado a grande sensação.

— Estreiam-se hoje no Chiado Terrasse os magnificos films, «A moral de lord Marcos», novela em 6 partes, por Mary Mary. «Recuperação do guarda», 2 partes, e última exhibição do «Corsário», tragédia maritima em 6 partes, por Anacleto Novelli e «Charlot pai de familia», em 2 partes. Quinta e sexta-feira, «A vida de Cristo».

Caixa de Previdência dos Médicos Portugueses

Os médicos e estudantes de medicina que, por iniciativa do dr. sr. Rodolfo Xavier da Silva, levaram a scena a revista «Medicina Caseira» por ocasião da celebração do 1.º Centenário da Fundação da Regia Escola de Cirurgia de Lisboa, deliberaram aplicar o produto das recitas e duma quete feita durante o jantar dos médicos, à fundação de uma Caixa de Previdência dos Médicos Portugueses.

Estão concluidos todos os trabalhos preparatórios, os estatutos já foram publicados no *Diário do Governo*, e na proxima quinta-feira celebra-se na Faculdade de Medicina, às 21,30 horas, a primeira reunião de todos os médicos e estudantes que tomaram parte nas recitas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa 1 de Abril de 1917 — Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral para apreciação do relatório e contas da direcção.

AGREMIações VARIAS

Grémio dos Fiscaes do Município de Lisboa — Em segunda convocação reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral.

Grémio dos Funcionários do Município. — Reúne em assembleia magna, hoje, pelas 21 horas, na sede, rua da Madalena, 225, 1.º, para resolver sobre as alterações a introduzir à reforma de serviços, aprovada em 14 de Março de 1923.

TEATRO APOLO

Emp. Ruas

O MÁRTIR DO CALVÁRIO

HOJE

A's 15 horas

matinée com

O Mártir do Calvário

TEATRO MARIA VITÓRIA

Telef. N. 3644

Duas sessões — A's 8 1/2 E 10 1/2

A RAINHA DE TODAS AS REVISTAS

FOOT-BALL

Em virtude do successo alcançado pelos numerosos jogos em estreia, a actriz LINA DEMOEL tomará parte em mais três espectáculos

os GRANDES e NOVOS EXITOS

— **Valentina** — pelo distinto actor Alfredo Ruas

AS CONTRADIÇÕES

por LINA DEMOEL e ALVARO DE ALMEIDA

O RAPAZ DAS CASTANHAS

Por CARMINDA PEREIRA

As Rosas—O Jorja—A Catarina

Preços populares

DESPORTOS

FUTEBOL

União, Carcavelinhos e Sporting batem o Belenenses, Casa Pia e Imperio

Benfica empata com o Vitória

Terminou já, bem mais cedo que nas épocas anteriores, mercê da nova e aplaudida organização, o campeonato de futebol de Lisboa.

Teremos em breve o início do campeonato de Portugal, dentro ainda dos moldes antigos um tanto modificados apenas transitóriamente, constituindo-se quatro zonas: Norte, Centro, Sul e Ilhas.

Cada zona estabelece as eliminatórias entre os seus quatro titulares locais; os vencedores de cada zona encontram-se nas meias finais, apurando-se os dois finalistas que então nos hão-de fornecer o campeão nacional.

Encerrou-se no domingo a caixinha das surpresas... e que se não diga não ter a sido fértil com uma sensacional função...

O já apurado campeão de Lisboa, «O Belenenses», foi copiosamente batido em Santo Amaro pelo União. Grupo modesto, debutando pela primeira época na divisão de honra, originou muita dor de cabeça aos fortes grupos que tiveram de o deifrontar em sua casa.

A vitória mais retumbante foi a última, no fecho do campeonato, comandando o jogo e infligindo ao clube campeão um pesado score de 4 bolas a uma.

Os rapazes de Belém têm mala-pata quando jogando com outro clube, seu adversário, se despede da luta desportiva algum velho e prestigioso jogador.

Sucedem-lhes agora com a retirada do precioso elemento do União, João Duarte, o que na época passada já lhes havia sucedido, quando, na segunda volta, jogando com o Benfica, se retirava do seu antigo lugar Ribeiro dos Reis. Então saíram derrotados por 3-0; agora por 4-1. Não se poderá dizer que lhes sorri a eventual colaboração em tais homenagens!

Desta feita porém, outro prejuizo não tiveram que não fosse o moral, porquanto o primeiro lugar no campeonato não lhes podia ser já arrebatado. Os dois grupos apresentaram-se completos, dispondo o União de um grande entusiasmo, que originou uma superioridade, traduzida com verdade no numero dos pontos obtidos.

Carcavelinhos-Casa Pia: 6-1

Se surpreendem bastante o resultado de Santo Amaro, o do Restelo não foi de somenos importância, perante a lógica... se é que em futebol alguma vês ela existiu.

O Casa Pia, que tinha subido dois furos batendo o Vitória por 1-0, há duas semanas, surge-nos esmagado por seis bolas a uma, pelo Carcavelinhos que domingo passado empata com os «setubalenses» quando estes se apresentavam enfraquecidos sem quatro dos seus melhores titulares.

Os «alcantarenses» consolidaram o seu triunfo na segunda parte marcando mais quatro bolas, porque na primeira, mais equilibrada, tinham já conseguido 2-1.

Sporting-Imperio: 2-1

O Sporting fez um fraco resultado contra o seu adversário, devendo ter contribuido não só o mau estado do terreno devido à abundante chuva, mas ainda por se ter apresentado sem Cipriano, Ferreira e Leandro.

Os dois grupos produziram um ponto cada nos primeiros quarenta e cinco minutos, conseguindo os «leões» o ponto da vitória a dez minutos do fim.

Benfica-Vitória: 2-2

O encontro de domingo possivelmente mais equilibrado foi o das Amoreiras. Dentro das más condições do terreno, devido às grandes chuvas que caíram antes e durante o jogo, não se podia fazer mais e melhor do que os rapazes do Benfica e Vitória produziram.

Nun autentico lodaçal em que a bola se chegava por momentos a confundir com a lama, os dois grupos deram-nos uma exhibição, por vezes, interessante de seguir e ajustada às circunstâncias.

Foram dois adversários dignos um do outro e o resultado traduz com justiça o valor da exhibição de ambos. O Vitória conseguindo as suas duas bolas na primeira parte em condições de impossivel defesa — a primeira por involuntária colaboração de Bailão, rícochetando-lhe nas costas, entrou.

O Benfica, com uma segunda parte superior, dominando largamente, consegue o empate, resultando a sua segunda bola de uma grande penalidade justamente marcada.

Os «vermelhos» não viram o seu almejado triunfo por absoluta falta de chance. A linha avançada conduziu-se bem, especializando o trio central, Crêspo, Jorge e Mário; os médios, exaustos pelo grande esforço dispendido foram úteis cooperadores; a parelha da defesa, menos notável, compriu. Vieira, no pouco que teve que intervir, fê-lo com mais segurança, não lhe cabendo responsabilidade nos dois pontos obtidos pelo adversário.

O Vitória apresentou-se completo, com a reparação dos elementos que haviam sido castigados disciplinarmente pela direcção do clube. Revelando harmonioso conjunto deram-nos uma primeira parte francamente boa; na segunda não brilharam tanto porque os «vermelhos» foram-lhe superiores. Demonstraram uma compleição atlética mais bem trabalhada e uniforme; das suas linhas como melhor a dos médios e à excelente acção de Viegas, que se notabilizou numa parada a uma bola bem apontada por Crêspo, deve o grupo de Setúbal não ter visto as suas rédes tocadas mais que duas vezes. A arbitragem de A. Pedros, regular; o ter diminuido para quarenta minutos a duração do primeiro tempo e o invalidar um ponto obtido pelo Benfica, por intermédio de Jorge Tavares, quando depois de mandar a bola para o centro, obedeceu a extranhas sugestões do juiz de linha, são os erros que se lhe podem anotar.

</



A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Azevedo Coutinho parece estar à espera de arredondar uma conta em Moçambique

Vemos nos jornais que Cunha Leal, na sua conferência de propaganda política, no Porto, falando largamente sobre as nossas colónias e descrevendo a desgraçada situação de Angola, acrescentara:

«A situação em Moçambique não é melhor. Ruínas, desolação, desequilíbrio financeiro, greves, incompetência administrativa, miséria e desleixo, tudo contribuindo para que se encontre numa dolorosa situação material e moral.

O Alto Comissário parece estar à espera de arredondar uma conta.

Não há nenhum plano orçamental; os Bancos atrofiam; as companhias mages-táticas nada fazem».

Sobre este tema, já velho para nós e também para a Nação, tem A Batalha produzido afirmações gravíssimas, que em outro país ou com outros homens de posse do Poder, há muito que teriam produzido os naturais resultados: demissão de Azevedo Coutinho seguida de um inquérito à sua destrambelhada, despótica e nefasta obra, de modo a chamá-lo à responsabilidade pelos abusos que tem cometido.

Em Portugal, pelo contrário, uma indiferença confrangedora, e só agora um político com responsabilidades de governo, veio a público a condenar, numa síntese perfeita, o que está sucedendo na nossa provincia ultramarina da costa oriental da Africa.

Sobre um ponto das afirmações do sr. Cunha Leal não tocamos ainda: «Bancos e Companhias Mages-táticas», por não caberem a Azevedo Coutinho todas as responsabilidades do que está sucedendo.

Na verdade, os Bancos atrofiam. Ha Cois, o National Bank e o Standard Bank, que encerraram quasi todas as suas sucursais, que paralisaram todas as suas transacções, retirando da praça todos os créditos. Ao primeiro diz-se que causou o governo, com o regime da portaria 233, um prejuizo de cerca de 1 milhão esterlino; e, em virtude da situação precária em que se encontram, um só fido os move actualmente: liquidar os seus negócios, trancar as portas e recolher os seus papéis ás respectivas sedes.

Não vale a pena falar das instituições bancárias portuguesas ali estabelecidas. Elas são causadoras de inúmeros males e perturbações; mas não se explica que seja Azevedo Coutinho, depois de, com larga medida, se aproveitar dos seus favores, quem estimula a Secretaria de Finanças e o seu cão de fila da «correta governamental», a vir a público, inventando e deturpando, para lançar sobre essas instituições responsabilidades que só ao Alto Comissário cabem.

A Batalha é, por principio, inimiga da alta finança; mas nunca deixa de focar bem a verdade, e esta manda que se proclame que em Moçambique tudo está em ruínas por culpa exclusiva de Azevedo Coutinho: o comércio, a industria, a propriedade, a finança, as classes produtoras, a familia, as instituições municipais, o principio da autoridade, os serviços públicos...

Quanto a Companhias mages-táticas, é oportuno dizer-se o seguinte:

Azevedo Coutinho nunca deveria ter sido escolhido para Alto Comissário, porque foi, durante anos e até, pelo menos, á data da sua nomeação, administrador da companhia (mages-tática) de Moçambique. Por outro lado, o mesmo Azevedo Coutinho favoravelmente se pronunciou pela prorrogação do arrendamento dos territórios do Niassa á companhia (mages-tática) que actualmente os explora, — o que é um crime gravissimo.

Como bom administrador, Azevedo Coutinho procurou colher informações sobre a acção dos estrangeiros nos territórios en-

tregues á exploração de companhias, — tendo o cuidado de não mexer com a Companhia de Moçambique de quem tinha recebido honrários.

Sabe-se que os territórios de Manica e Sofala estão absolutamente invadidos por companhias e homens estrangeiros, e que de tal forma é avassaladora a sua influencia, que os portugueses que por lá estão, na sua quasi totalidade, estrangeirados. Tão estrangeirados que nunca se ouve falar ali, sequer, nos nomes «quinta, fazenda, propriedade».

Farm, o termo inglês, é empregado por todos, sem excepção, a falar ou a escrever. A «Companhia do Niassa», como a «Companhia de Moçambique», é um organismo parasitário, que nada produz, que tudo absorve sem proveito para a Nação.

Os imensos territórios sob a tutela da Companhia do Niassa, estão retalhados pelo alemães ali estabelecidos. Os serventários da companhia recebem salários miseráveis, tendo, porém, o pulso livre, para se entregarem a culturas, a comércio, á exploração do preto.

Deste modo, sem lucro apreciável para o Estado, os melhores e mais extensos territórios de Moçambique estão nas mãos de companhias com direitos mages-táticos, companhias que conseguem prorrogações dos seus arrendamentos porque muitos dos políticos que passeiam por Lisboa auferem delas chorudos vencimentos, a titulo de administradores, delegados do governo, etc., etc., e a esses tubarões de modo algum convém que seque a fonte dos seus proventos.

Vitor Hugo Coutinho era um desses tubarões; e, pela sua acção protectorista, já oficialmente declarada, á Companhia do Niassa, está-se preparando para, liquidado como Alto Comissário, comer á tripa forra na mesa lauta daquela companhia.

Ele bem sabe as linhas com que se cose! Bem sabe que de há muito está liquidado como Alto Comissário e que não há forças humanas que o sustentem contra a opinião unanime, a repulsa declarada e alterosa de todos os organismos económicos e sociais de Moçambique.

Pode o Ministério, cavando mais fundo o divórcio entre a Nação e uma politica bastarda de compadrio e comilança, — aguentá-lo mais alguns dias; mas, perdido como está o seu prestigio como homem e como autoridade, a teimosia do governo simplesmente encaminha os acontecimentos para uma tragédia tremenda ou para que caiam, de cambalhuda, todos esses políticos de meia tijela que se amparam mutuamente.

E mais uma verdade a acrescentar: «Azevedo Coutinho que, pela sua incompetência administrativa, lançou a provincia de Moçambique na desolação, no despotismo, no desequilíbrio financeiro, na greve, na ruína», — há de ver-se em sérias dificuldades para sair de Lourenço Marques com a pele intacta.

A onda de justo odio contra ele é verdadeiramente colossal. Nunca um homem público português se viu alvo de maior refulsa, de mais veemente condenação.

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Seda vem de endegar ao presidente do Ministério o seguinte telegrama:

«Associação dos Trabalhadores Rurais de Seda, em nome dos seus componentes, protesta indignadamente contra os actos de canalismo autoritários e mandados praticar pelo alto comissário de Moçambique contra os ferroviários grevistas daquela provincia e reclama a demissão daquele fructuário e a solução da greve em harmonia com os principios de justiça».

reclamações dos operários, fez que estes aprovassem o prosseguimento da greve. Também continua na mesma localidade a greve dos empregados no serviço de transporte e camionagem. Os grevistas vigiam da avenida da Gare o movimento dos comboios. A calma é completa.

Os operários cabeleiros de Nimes reuniram-se na Bolsa de Trabalho e decidiram a declaração de greve, pedindo um salário fixo de 25 francos ou de 15 francos com 10 por cento sobre a venda dos produtos. Ao declarar-se a greve, percorreram as principais ruas da cidade, manifestando-se junto dos patrões.

Hortelãos de Perpignan

PERPIGNAN, 28. — Uma parte dos hortelãos declarou-se em greve, reclamando 8 horas de trabalho e vinte e cinco francos por dia. Foi insucessida uma tentativa de arbitragem — H.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

A. Dantas. — Porto. — O officio é presente á reunião do conselho de hoje. Não sei o que resolverá.

A. Silva. — Coimbra. — Recebemos os apontamentos; breve os devolveremos.

Sindicato de Faro. — Respondam ao officio enviado.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Voz Sindical. — Digam com urgência o original que têm.

Às Núcleos. — Enviem o número de filiados.

Jaime de Oliveira e Castro. — Traz ou manda as chaves do arquivo da Federação.

CRISE DE TRABALHO

Operários sem trabalho e licenciados das obras do Estado

As comissões delegadas do Sindicato Unico da Construção Civil e da Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras do Estado convidam os operários sem trabalho e que pertencem ás obras do Estado a reunirem hoje, ás 20 horas, na calçada do Combro, 38, 2.º, a fim de ser notificado aos interessados um caso de muita importância.

NO ESTRANGEIRO

Classes operárias de Nimes

NIMES, 28. — A resolução tomada pelos mestres de obras de Alais, regeitando as

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

Os trabalhistas independentes contra o imperialismo inglês

O Conselho Nacional do Partido Trabalhista Independente de Inglaterra prepara-se para apresentar na próxima conferência anual várias questões sobre o imperialismo inglês.

Entende ele que deve ser criada uma organização económica mundial com o fim de estabelecer condições de trabalho internacionais, de proteger os povos atrozados da exploração do capitalismo, e de regular o crédito mundial.

Na sua opinião, as tropas inglesas devem retirar do Egipto e do Irak, e as questões do Canal de Suez e do Sudão entregues á Sociedade das Nações. Deve-se reconhecer á India o direito de se governar, preparando-se por meio de uma assembleia uma Constituição Indiana.

Os tratados com a China também devem ser revisados.

Finalmente, o Partido Trabalhista Independente de Inglaterra chama a atenção do movimento operário inglês e do movimento internacional para a necessidade que existe de auxiliar os operários dos países da Africa e da Asia a organizarem-se industrialmente e politicamente, a fim de se defenderem contra a exploração de que são vítimas por parte dos imperialistas ingleses.

Está claro que todas estas questões necessitam que se lhe dê a atenção manifestada pelo P. T. I. de Inglaterra, mas a verdade é que não é por intermédio da Sociedade das Nações que elas se poderão resolver.

O colaboracionismo da Federação Americana do Trabalho

As tendências da Federação Americana do Trabalho visam á colaboração com o patronato e não á luta de classe. Os sinais desta colaboração manifestam-se na organização de bancos operários e na aplicação do plano Baltimore-Chio, introduzido pela primeira vez em 1922, nas oficinas dos caminhos de ferro, após o fracasso da greve dos ferroviários.

Este plano consiste no aumento da eficiência do trabalho e accrescimento dos lucros patronais.

No ano de 1924, o congresso da F. A. T., pronunciou-se em principio pelo plano de Baltimore-Chio, que representa a forma mais perigosa da colaboração de classes.

A politica externa da Federação Americana do Trabalho é orientada também pela do governo americano. A F. A. T., põe em pratica a doutrina de Monroe, cuja ideia fundamental é que nenhum outro poder, exceptuando o nacional, se pode entremetter nas questões puramente americanas.

A actual situação na América

A situação económica actual da América é caracterizada por uma produção muito desenvolvida, sendo todavia o «chomage» insignificante.

Após os movimentos grevistas de 1919-1923, uma forte reacção se produziu no seio do movimento operário americano.

O salário médio até há pouco era de 25 dólares por semana, sendo essa importância insuficiente para as condições de vida ali existentes. Além disso a maior parte dos trabalhadores norte-americanos auterem salários inferiores a 25 dólares, havendo por isso grandes massas exploradas profundamente descontentes com a sua situação, mas que não tomam, no entanto, tanto, uma orientação verdadeiramente revolucionária.

Um discurso do «leader» trabalhista Cook acerca do conflito mineiro

Discursando em Wheatley Hill, condado de Durham, A. J. Cook, secretário da Federação dos Mineiros, declarou que estes não queriam a luta, mas se ela vier, que não terminará como supõe o governo do conservador Baldwin.

«Se houver uma luta em Maio próximo, disse ele, será a maior da história inglesa, e nós ganhá-la hemo, não somente para a nossa classe, mas para o mundo».

Os mineiros estão-se preparando para a defesa dos seus direitos, e não é da sua responsabilidade a luta tremenda que se vai travar, mas aqueles que como cegos correm para o abismo que os ha-de engulir.

O caso do vapor «Sines»

Tendo sido cometido á Federação da Industria de Transportes Maritimos e Fluviais o encargo de realizar as necessárias demarches para a solução do caso do vapor «Sines», a comissão delegada daquele organismo iniciou já os seus trabalhos.

Por informações que colhemos em fonte segura sabemos que o conflito referido está em vias duma rápida solução.

SOLIDARIEDADE

Pró-presos sociais

Importâncias ultimamente entregues em A Batalha:

Quete aberta por J. Passarinho, de Silves, 18500; quete no Depósito C. de Fardamentos, 83540; Jorge Campelo, 10500; Academia Musical U. Familiar, de Telheiras de Baixo, 49350; Um anarquista, 5300; Venda dum corte de fato, oferecido pelo camarada Félix e adquirido por Angelo Esteves, 120500; Quete nos Manipuladores de Pão do Porto, 22550. Soma, 299540.

Contra as deportações

A Associação dos Trabalhadores Rurais do Cano, reunida em sessão publica, resolveu protestar officiosamente, junto do ministro da Justiça, contra as deportações sem julgamento e as prisões arbitrárias de operários.

Mais resolveram comunicar á C. G. T. que secundarão qualquer movimento de protesto que nesse sentido a mesma julgue por bem coordenar.

A cadeia de Santa Cruz de Coimbra oferece alguns testemunhos preciosos sobre a iniquidade da justiça burguesa

COIMBRA, 29. — A convite de alguém, transpusemos as portas da cadeia desta comarca.

Jamos ali escutar da boca dum preso um grito de revolta contra a justiça afimlada, desta sociedade.

Manuel Casimiro é o nome do preso que temos na nossa frente.

Numa voz de repassada revolta, conta-nos o que segue:

Ele, Manuel Casimiro, trabalhador rural, preso nesta cadeia há meses, juntamente com outros individuos, todos accusados de implicados numa série de roubos e furtos praticados há alguns anos, respondeu há dias em tribunal pelo delito que lhe era imputado.

Dos nove réus, sob quem pesava a accusação de haverem sido coniventes dos mesmos delitos, saíram todos em liberdade á excepção de Manuel Casimiro, sobre quem, não obstante pelo decorrer da audiência se haver provado que o grau da sua culpabilidade era igual ao doutros réus, caiu, pesada, inexorável, a pata da lei.

Concretizando as suas afirmações, o recluso Manuel Casimiro faz ressaltar a revolta diversidade de critério com que o tribunal julgou a culpabilidade dos vários réus.

Para que se analise com nitidez o espirito de iniquidade de que estava inquirido o júri, Manuel Casimiro põe em contranto:

— Ora veja — diz-nos ele — Principios: Rodrigo Gonçalves da Silva, um dos réus, pronunciou por receptor de objectos roubados, tendo perfeito conhecimento da sua origem.

Este Rodrigo Gonçalves da Silva ia esperar os objectos roubados, perto do local onde os roubos eram praticados. Em casa deste individuo foram apreendidos pela policia objectos de grande valor, ouro e roupas, que constituíam o espólio de muitos assaltos que a quadrilha praticou. Na policia, este cidadão confessou a sua perfeita consciência da origem dos objectos adquiridos. Rodrigo Gonçalves da Silva, que é industrial e proprietario em Coimbra, mercê das grandes proteções que empennou para a sua salvação saiu em liberdade.

Alípio Baptista, proprietario e lavrador da Copra, nos arredores de Coimbra, tomou varias vezes parte activa nos roubos e comprou muitos objectos com pleno conhecimento da sua proveniência, sendo-lhe apreendidos pela policia objectos de ouro, roupas e alguns utensilios de mobiliário.

Confessou a policia a sua complicitate nos roubos, mas não mereceu também de empenhos do nepotismo... saiu absolvido.

Augusto Baptista, também proprietario, irmão do Alípio, estava nas mesmas circunstancias do irmão: confessou á policia a sua conivência nos roubos.

Manuel Borges, proprietario e lavrador de Pereiros, freguesia de Castelo Viegas, igualmente confessou a sua colaboração nos roubos, tendo-lhe sido apreendidos alguns objectos em casa. Pelas mesmas razões que os outros, saiu absolvido.

Agora, quanto a mim: Vai observar a diversidade de critério com que a lei encara os actos daqueles que ela reputa criminosos e que não são nem lavradores, nem proprietários. Eu, Manuel Casimiro, trabalhador rural, casado e com filhos, absolutamente pobre, residente em Pedreiros, freguesia de Castelo Viegas, preso por denuncia dos outros que, chamados á policia e por elle interrogados, descarregaram sobre mim todas as culpas. Confessei toda a minha culpabilidade nos roubos. A policia não encontrou em minha casa objecto algum proveniente de roubos. Tudo o que eu tinha vendido por «uma tala e meia» áquelles que se valiam da minha miséria para me incitarem ao roubo. A minha responsabilidade nos roubos não é maior do que a daqueles que me mencionei. A-pesar-de tudo isto caiu sobre mim a pena de 3 anos, 7 meses e 6 dias de prisão celular, ou na alternativa de 6 anos de degraço em posseção de 1.ª classe, accrescidos da multa de 6 meses a 1500 por dia e 150500 de imposto de justiça!

A concluir, numa grande indignação: — Não peço severas sanções da lei para os que foram soltos e que são tão ladrões como eu. O que me revolta é a diversidade de tratamento com que a lei acolhe: o ladrão que veste decentemente, tem propriedades e gosa de altas proteções, e o pobre, o miserável, sem eira nem beira. Para uns a liberdade, para outros os horrores do cárcere!

Durante a nossa visita á cadeia de Santa Cruz, fomos abordados pelo preso António Duarte, que, indignadamente, nos contou o desleixo a que tem sido votado.

Eis, tal qual elle no-la contou, a sua critica situação, criada pela incuria a que os altos poderes votam, em Portugal, mais do que em nenhum outro país, os desgraçados que caem sob a alçada da lei.

António Duarte, tendo respondido no tribunal da comarca da Guarda e apelado para a Relação e Supremo Tribunal de Justiça, foi sentenciado a 4 anos de prisão celular que acabou de cumprir em 10 de Novembro de 1925.

Como ainda, até hoje, não fôsse solto, requeru já 4 vezes ao tribunal da Relação, sem que tenha sido ainda resolvida a sua situação.

António Duarte reclama, indignado, contra esta injustiça ingente, que sobre elle se pesa.

— Outro preso, de nome Carreira, atacado de lepra, encontra-se numa prisão e aí as devidas condições higiénicas em companhia de três presos.

Tamanha desumanidade indigna, revolta, não só pela gravidade da doença que requer a immediata remoção desse homem para um hospital, como pela situação dos seus companheiros de infortúnio, sujeitos a contrair aquela terrível doença.

A nossa voz em prol destes homens será ouvida?

ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados

CASA PALISSY GALVANY

Rua Serpa Pinto, 15

Operários da Casa da Moeda — Para continuação dos trabalhos ás 21 horas.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil. — Comissão Escolar. — Pelo motivo de se encontrar doente a professora da aula diurna, não tem havido escola estes dias, devendo começar a funcionar no dia 1 de Abril, á mesma hora com uma professora interina.

Manipuladores de farinhas, massas e bolachas. — Reuniu a assembleia geral, resolvendo nomear uma comissão, a qual com a direcção da Companhia Industrial de Portugal e Colónias tratará da redução de salários imposta aos seus operários.

Empregados de Farmácia da Região do Sul. — Reuniu a assembleia geral e, apreciando um officio da direcção, resolveu expulsar de sócios os srs. Napoleão Tasso e Silva Seixas, destituír por falta de confiança da classe a comissão pró-projecto de curso, procedendo á eleição do cargo de 1.º secretário da assembleia geral, sendo eleito o colega Delfim Galvão.

Manipuladores de Pão. — Reuniu a assembleia geral que, além de apreciar o balancete e contas do mês anterior, tomou conhecimento de uma ordem da Companhia Nacional de Alimentação pela qual vão ser demittidos do serviço daquela companhia os operários estrangeiros.

A assembleia não se conformando com a infamia que se pretende levar a efeito, aprovou uma moção do seguinte teor:

«Considerando que a Companhia Nacional de Alimentação dirige já padarias uma ordem de serviço pela qual os operários de nacionalidade espanhola não poderão trabalhar naquelles estabelecimentos;

A assembleia geral resolve:

Reclamar junto do ministro e cônsul de Espanha contra a ordem da Companhia Nacional de Alimentação.

Foi também aprovada estoura moção:

«Considerando que está sendo imposta aos distribuidores de pão aos domicilios uma contribuição industrial, que só pelos industriais deve ser paga visto que são elles que fabricam pão;

A assembleia geral resolve:

Protestar junto do ministro da Agricultura contra a applicação da referida contribuição».

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil. — Para se occupar de assuntos urgentes, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Federação Mobiliária. — O Conselho Federal ás 20,30 horas com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Resolver sobre o pedido de uma delegação ao Porto; 2.º Apreciar o relatório da delegação a Coimbra; 3.º Outros assuntos de importância.

União Têxtil. — A direcção, pelas 20 horas, para tratar vários assuntos.

Manufactureiros de Calçado. — Para apreciar a reforma dos estatutos, o regulamento das secções sindicais e o relatório e contas da gerência transacta, pelas 21 horas, a assembleia geral.

S. U. Mobiliária. — A comissão administrativa, ás 20 horas, para assunto de máxima importância.

U. S. O. de Setúbal. — A especialidade de Cesteiros com a comissão de melhoramentos.

S. U. dos Fogueiros de Mar e Terra. — Assembleia geral pelas 19 horas, para tratar da questão do vapor «Sines».

DIAS PROXIMOS

Empregados de Farmácia da Região do Sul. — Reúne amanhã a comissão de engrandecimento de classe para se occupar da realização da festa de auxilio para o cofre.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação. — Reúne hoje o comité federal, pelas 20 horas.

Comissão Organizadora do II Congresso Nacional. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas.

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, sendo indispensável a comparência de todos os membros.

SINDICATOS DA PROVINCIA

U. S. O. de Setúbal. — Reúne hoje pelas 20 e meia horas o conselho da União. Visto tratar-se de assuntos de máxima importância para a vida da União, espera-se que não falte nenhum dos delegados das direcções dos sindicatos locais, convidados para mesma reunião.

Ferrovitários do Sul e Sueste. — Reuniram em assembleia geral os ferroviários do Sul e Sueste. Pela comissão administrativa foi apresentada uma proposta para se sindicarem o chefe de estação Manuel Correia, com a admissão do chefe a mesma comissão não concordava. Sobre o assumto fallaram vários camaradas que concordaram com a com. adm., pois que o referido chefe, tendo-se afastado do Sindicato após a greve, de 30 de setembro de 1920, depois de ter escrito um artigo que tornava o Sindicato responsável pelos attentos contra Raúl Esteves e Santos Viegas, fez parte dos chamados «divisionistas» da classe, sendo um dos seus maiores colaboradores. Por estes motivos foi rejeitada a sua admissão.

João Rodrigues Júnior, delegado do pessoal junto da Caixa de Reformas, refere-se á forma como são expoliados pelos fornecedores os associados que se utilizam das requisições. Diz que numa reunião da Delegação apresentou uma proposta que julgava pôr fim aos abusos dos fornecedores, a qual baixou a uma comissão para dar o seu parecer, mas até hoje a tal comissão não deu acôrdo de si, pelo que os ferroviários continuam a ser infamemente explorados. Sobre o Sanatório, declara que, na qualidade de delegado do pessoal junto da respectiva comissão, ainda não reuniu vez alguma com esta porque o avisam só depois de efectuadas as reuniões. Parece haver o propósito de impedir a presença do delegado do pessoal para evitar que elle levante ali certos assuntos que decerto não agradariam aos individuos que constituem a comissão. Sabe que no Sanatório Vasconcelos Porto há grandes deficiências a-pesar de existir em cofre a quantia de 800 contos.

Miguel Correia diz que leu um artigo

publicado em O Sul e Sueste da autoria do camarada Piloto. Discorda desse artigo na parte em que o camarada Piloto apela para os ferroviários a fim de se acabarem com as deficiências ali existentes. Os ferroviários nada mais têm de dar, o que tem de reclamar é boa administração, empregando-se o dinheiro onde de direito.

Apresenta a seguinte moção que é aprovada por unanimidade:

«Em face do abandono a que foi votado o Sanatório pela administração geral, que tem em seu poder uma elevada verba ao mesmo destinada a assembleia geral resolve:

Que seja levantada uma campanha no orgão da classe, no sentido dessa verba ser immediatamente applicada».

Entrando-se na discussão do relatório apresentado pela C. Administrativa e que diz respeito ás necessidades inadmiáveis do Sindicato, usa da palavra A. Carvalho, que declara que são atribuidos uns débitos á Comissão santeante.

Esses débitos não são da Comissão mas sim pertença de todos os sindicados. São os sindicados que devem e não as comissões. Não concorda com os n.ºs 2, 3 e 4 do relatório porquanto a C. Administrativa não tem de se dirigir ás assembleias para effectuar compras, o que representa um mau precedente, e por isso propõe a sua eliminação, o que foi aprovado.

Miguel Correia declara que as exposições que acabou de ouvir do camarada A. Carvalho, no respeitante a débitos, são a sua melhor defesa moral.

Fallaram ainda diversos camaradas sendo aprovada a seguinte moção apresentada por M. Correia:

«A assembleia ouvindo as explicações de vários oradores sobre o mapa das dividas existentes, resolve:

Que sejam em O Sul e Sueste esclarecidas as razões porque esses mapas foram publicados e se elucide a classe que tais importâncias são da responsabilidade do Sindicato e não de qualquer comissão».

Menezes Leite, do Minho e Douro, diz que encontrando-se em Lisboa como delegado daquela rede junto dos delegados do Sul e Sueste, não quis deixar de vir trazer ali as suas saudações aos ferroviários do Sul.

Com respeito ás reclamações que estão pendentes tem a comissão andado dum para outro lado sem nada de proficuo conseguir porque há sempre da parte do ministro a formal resposta «vamos estudar o assumto» e já mais estuda qualquer coisa.